

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO EM CASAIS DO MESMO SEXO

Magda Nico e Elisabete Rodrigues

Introdução

Em Portugal, as pesquisas que se debruçam sobre a conjugalidade homossexual, têm incidido sobretudo nas problemáticas da sexualidade e identidade (Brandão, 2000; 2008), da discriminação social (Santos e Fontes, 1999; Santos, 2000; 2004), do associativismo e da visibilidade política (Almeida, 2009). A heteronormatividade tem, por sua vez, tomado conta dos estudos sobre a domesticidade do quotidiano conjugal, sobre a divisão das tarefas domésticas e sobre a percepção de justiça acerca da participação de cada um dos cônjuges nas esferas privada e pública (cf. Aboim, 2006; Wall e Amâncio, 2007; Torres, 2001; 2004; Wall, 2005). O presente trabalho pretendeu precisamente contrariar esta tendência.

A menor visibilidade dos casais do mesmo sexo, enquanto objecto empírico da sociologia da família, está seguramente relacionada com a especificidade do contexto português, especialmente nos planos político e legal, em que o movimento de luta pelos direitos das lésbicas, *gays*, bissexuais e transgénero (LGBT) ganha visibilidade apenas na década de 1990 do século XX, sobretudo em Lisboa, e caracteriza-se pela “fraqueza estrutural” comum aos movimentos sociais portugueses em geral (Almeida, 2009: 185). Não obstante, o casamento entre pessoas do mesmo sexo é legalmente previsto em 2010 (Lei n.º 9/2010, de 31 de Maio). Paralelamente, no plano académico, constata-se a falta de informação em torno da organização das tarefas domésticas em casais do mesmo sexo e a inexistência de um registo estatístico oficial, ou representativo, da expressão numérica deste tipo de conjugalidade. Dado o desencontro temporal entre a publicação da lei que aprova a união de facto entre casais do mesmo sexo em Portugal (Lei n.º 7/2001, de 11 de Maio) e o recenseamento nacional do mesmo ano (Março de 2001), os casais homossexuais não têm sido incluídos na análise da evolução das estruturas domésticas (para os casais heterossexuais, ver Aboim, 2006: 74-88).¹

No plano internacional contam-se já alguns, embora não abundantes, trabalhos centrados nesta problemática. São trabalhos de âmbito nacional que se têm desenvolvido essencialmente em países onde os enquadramentos legais têm permitido ou facilitado a recolha de dados sobre temáticas domésticas, quer em agregados familiares heterossexuais, quer homossexuais. Entre as pesquisas que contribuíram para o subsequente trabalho, encontram-se as levadas a cabo por Kurdek,

1 O registo de cônjuges do mesmo sexo era desencorajado pelos formadores oficiais nos Censos 2001. Os recenseadores tinham a indicação de alterar o autopreenchimento de todos os indivíduos que se considerassem cônjuge de um outro indivíduo do mesmo sexo para “outra relação”.

acerca da divisão das tarefas domésticas em casais do mesmo sexo (2007) e a comparação destes com casais de sexo diferente (2001). São duas as principais conclusões retiradas pelas sucessivas pesquisas levadas a cabo por este autor. Uma refere-se à comparação entre casais do mesmo sexo e casais de sexo diferente, a propósito da qual se verifica a intensificação da socialização para o desempenho de papéis de género nas relações conjugais heterossexuais e a atenuação desta nas relações conjugais homossexuais. Assim, os homens em conjugalidade homossexual tendem a fazer um pouco mais do que os homens em conjugalidade heterossexual e as mulheres em conjugalidade homossexual tendem a fazer menos do que as mulheres em conjugalidade heterossexual (*idem*, 2001). A segunda conclusão refere-se à comparação entre homens e mulheres em contexto de conjugalidade homossexual, verificando-se que as mulheres tendem a delegar menos a terceiros do que os homens.

Juntamente com os objectivos de pesquisa pensados a partir destas duas grandes conclusões, outro dos objectivos da presente análise foi o de averiguar se “os casais homossexuais não executam papéis estereotipados, por orientação a um papel de género de acordo com o modelo tradicional de conjugalidade — em que existe uma especialização dos elementos do casal em campos culturalmente atribuídos ao género masculino e feminino” (Moreira, 2004: 2). Os trabalhos existentes evidenciam que, embora os dois membros do casal não assumam papéis “femininos” e “masculinos” (Carrington, 1999), estes acabam por especializar-se em determinadas tarefas em prol da eficiência e ainda da justiça da distribuição baseada nos interesses, competências e horários do parceiro (Patterson, 2000).

Sendo assim, nesta pesquisa segue-se uma estratégia analítica capaz de dar visibilidade à banalidade do trabalho quotidiano doméstico/familiar em casais homossexuais, permitindo assim o exercício de neutralizar o efeito da variável sexo nessa mesma análise. Na esteira dos trabalhos de Kurdek (2001; 2003; 2005; 2007), Moreira (2004), Carrington (1999) e Patterson (2000), pretende-se identificar as estratégias que os casais do mesmo sexo desenvolvem para gerir o trabalho doméstico, comparando sempre que possível estes casais com os casais heterossexuais (a partir de informação disponibilizada por outros estudos) e, para além disso, os casais de mulheres com os casais de homens. Esta última comparação pretende evidenciar o impacto da socialização de género na construção e vivência das relações de intimidade entre casais do mesmo sexo, relações que não deixam de desafiar a “ordem de género” estabelecida (Connell, 1994). Segue-se, portanto, a sugestão de Giddens relativamente à análise da “relação pura”, que segundo o autor é mais facilmente estudada quando o elemento heterossexual é retirado (2001 [1992]: 93), e a de Roseneil quando afirma que, “para compreender o estado actual, e futuro provável, das relações pessoais, os sociólogos devem descentrar a família e o casal heterossexual dos imaginários intelectuais” (2005: 241).²

O desenho de pesquisa e a análise dos dados basearam-se, assim, em dois pressupostos fortes. Um deles é o de que o espaço doméstico é uma das áreas

2 Tradução das autoras.

privilegiadas para a (re)produção das desigualdades de género. Ou seja, “household is a gender factory” (Berk, em Davis e outros, 2007: 1249), mesmo quando ao nível dos valores se verifica que o aumento da consideração de que homens e mulheres devem partilhar as tarefas domésticas é transversal aos vários países europeus (Berkel e De Graff, 1999; Bittman e Lovejoy, 1993; Artis e Pavalko, 2003). A falta frequente de sintonia entre os valores e as práticas pode ilustrar-se pela diferença, que permanece entre homens e mulheres, entre “ajudar” e “assumir responsabilidade” pela execução das tarefas domésticas. No contexto europeu, Portugal diferencia-se por uma “ordem de género” mais conservadora, característica dos países do sul, que se revela tanto nos valores como nas práticas, por sua vez caracterizadas pela desigualdade de investimento de tempo e trabalho na esfera doméstica, num cenário de elevada taxa de participação feminina a tempo inteiro no mercado de trabalho. Consequentemente, alguns trabalhos de investigação têm chamado a atenção para a “dupla jornada” das mulheres portuguesas (Torres, 2004), mesmo quando se tem por referência grupos com níveis de escolaridade elevados face à média nacional. Este padrão de comportamento é transversal a outros países europeus, mas a disparidade entre sexos é mais marcada em Portugal (Amâncio, 2007).

Um segundo pressuposto é o de que “os casais *gay* e lésbicos são relevantes porque, como membros do mesmo sexo, têm que conceber estratégias de distribuição do trabalho doméstico baseadas em outros critérios que não o sexo do parceiro, e a satisfação com a distribuição tem que invocar outros factores que não as normas sociais relativas aos papéis das mulheres e dos homens na família” (Major, 1993, referido em Kurdek, 2007: 133).³ A análise da divisão das tarefas domésticas em casais do mesmo sexo permite, deste modo, compreender como os papéis sociais no interior das relações íntimas são atribuídos independentemente do sexo biológico (Kurdek, 2005: 252).

Este artigo está organizado em três partes. A primeira parte assegura a apresentação das opções e dos constrangimentos metodológicos no desenho da pesquisa, a caracterização do conjunto de informantes e da análise desenvolvida. A segunda parte, dedicada à análise da informação recolhida, encontra-se dividida em três dimensões analíticas. Num primeiro ponto, são apresentados os resultados da análise da distribuição das tarefas no casal: as discrepâncias entre as versões apresentadas por cada um dos cônjuges, a amplitude do desequilíbrio do volume de trabalho doméstico realizado pelos membros do casal e ainda as especializações e/ou polivalências adoptadas no âmbito da organização do trabalho doméstico. Num segundo ponto, analisam-se os processos de negociação que levaram à actual organização do trabalho, nomeadamente as estratégias e os critérios usados para a atribuição de direitos e deveres domésticos e as percepções de justiça e de satisfação face à actual organização. Num terceiro e último ponto, analisa-se o impacto do modelo de divisão das tarefas domésticas da família de origem, e das socializações de género por ela exercidas, nos actuais modelos de organização do trabalho doméstico dos entrevistados. São de seguida apresentadas as conclusões, última parte do artigo.

3 Tradução das autoras.

Notas metodológicas

A estratégia metodológica adoptada tem um cariz qualitativo, servindo os objectivos de compreender como os entrevistados vivenciam o seu quotidiano mais privado e como organizam o trabalho doméstico, de identificar os critérios que presidiram à negociação ou definição dessa organização e ainda o de analisar o grau de satisfação e justiça que nele reconhecem. Nesse sentido, a pesquisa baseou-se na realização de entrevistas semidirectivas, aos dois membros de dez casais do mesmo sexo (dez mulheres e dez homens). Os casais viviam em conjugalidade há pelo menos um ano (duração considerada suficiente para a vivência de um período inicial de adaptação e das primeiras fases de negociação da organização do trabalho doméstico) e residiam na Área Metropolitana de Lisboa.⁴ A estratégia de selecção dos entrevistados seguiu o método da “bola de neve” com diversidade de focos de divulgação: rede pessoal de contactos, associações e redes de luta pelo reconhecimento dos direitos LGBT e, ainda, autores de *blogs* que, de forma mais ou menos declarada, se identificavam como *gay* ou *gay friendly*. A visibilidade dos casais lésbicos foi, em todos estes focos de divulgação, menor do que a dos casais *gay*, o que dificultou uma selecção no sentido de uma equivalente diversidade entre os dois grupos.

Os dois cônjuges foram intencionalmente entrevistados por investigadores diferentes, minimizando assim o constrangimento gerado pelo sentimento de que as versões poderiam ser confrontadas, posteriormente ou até mesmo no momento da entrevista. Minimizou-se o mais possível o intervalo temporal entre as entrevistas, sendo que algumas foram realizadas simultaneamente, mas em espaços diferentes. O desenho metodológico permitiu, nas questões relativas ao número de vezes de tarefas realizadas, medir o nível de incoerência entre as versões dos membros de cada casal. Para além do potencial analítico acrescido, esta novidade no desenho da pesquisa permite também contrariar a forma como os estudos acerca das desigualdades de género no espaço doméstico têm sido conduzidos: privilegiando na grande maioria das vezes a versão das mulheres, seja pela não inquirição simultânea do cônjuge, seja pelo uso da versão feminina como a “verdadeira”. Ora, como Lalande recorda, “uma entrevista corresponde sempre a uma versão de uma história... uma construção selectiva baseada na memória e representações” (1998: 874). Assim, ouvir as duas versões assegura um maior rigor na recolha e na compreensão da(s) história(s) contada(s).

A constituição da amostra não assumiu pretensões de representatividade estatística do universo em estudo, ambicionando sim explorar a diversidade de estratégias de gestão do espaço doméstico. Para esse efeito foram realizadas entrevistas até se considerar que o nível de saturação da informação tinha sido atingido, e que mais entrevistas não corresponderiam a informação sociologicamente relevante.

4 Os contextos urbanos são muitas vezes apontados, inclusive pelos próprios homossexuais, como espaços que facilitam a expressão e vivência da homossexualidade (Gomes, 2001), o que poderá fazer deste limite geográfico uma vantagem metodológica.

Para a melhor compreensão da configuração da divisão das tarefas domésticas entre os membros dos casais entrevistados, os temas abordados na entrevista ultrapassaram a temática específica em análise. Assim, para além das variáveis sociodemográficas, recolheu-se informação acerca das características da relação (duração, qualidade, expectativas, tomada de decisões importantes como a união conjugal, representações acerca da relação, motivos de conflitos), percurso amoroso e habitacional, vivência do quotidiano e lazer do casal.

A informação recolhida acerca da esfera do trabalho doméstico incluiu: preferências pelas tarefas domésticas, atitudes perante a organização/decoração/limpeza do espaço, práticas efectivas, nível de satisfação e percepção da justiça da distribuição, socialização directa e indirecta para a realização das tarefas domésticas e representações acerca das relações entre homossexuais e entre heterossexuais na esfera doméstica. No que diz respeito exclusivamente às práticas (questões quantificáveis), usou-se o trabalho de Kurdek (2003; 2005; 2007) e o European Social Survey (2004) como referências para a selecção das tarefas domésticas a serem contabilizadas. Foi solicitado aos entrevistados que identificassem a sua própria participação em cada uma das tarefas domésticas consideradas, respondendo à seguinte pergunta: “em cada 10 vezes que a tarefa x é realizada, quantas é o(a) entrevistado(a) a realizá-la?” As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma a permitir uma análise de conteúdo temática dos aspectos relativos à esfera do trabalho doméstico.

Algumas características do conjunto de entrevistados devem ser tidas em conta na interpretação dos dados. A amplitude de idades é muito elevada, variando entre os 20 anos e os 52 (quadro 1). A média de idades da totalidade dos entrevistados situa-se nos 32 anos, mas a dos homens é bastante superior (37 anos) à das mulheres (26 anos). A esta discrepância etária contrapõe-se uma relativa homogeneidade em relação aos níveis de escolaridade completos (apenas dois dos entrevistados não completaram ou frequentavam uma licenciatura). Estamos, portanto, perante uma amostra de indivíduos com níveis de escolaridade muito superiores à média nacional. No plano profissional, também relativamente homogéneo, podem apontar-se algumas diferenças entre os membros dos casais *gay* e os membros dos casais lésbicos, explicadas sobretudo pela diferença de idades. As mulheres entrevistadas são, em média, mais novas e conjugam, por vezes, a frequência de uma licenciatura com um trabalho temporário que não corresponde à profissão ou situação na profissão almejada após a conclusão dos estudos de nível superior.

Nos percursos amorosos dos entrevistados, e contrariando a associação abusiva que se faz entre a homossexualidade e a definição de grupos de risco na contracção de doenças venéreas ou do vírus HIV, identificaram-se percursos que mais se caracterizam pela escassez de experiências amorosas do que por um passado diversificado. A maior parte dos entrevistados referiram no máximo três relações amorosas a anteceder a actual. Quanto à experiência de coabitação, e como consequência da discrepância etária já referida, para oito (em dez) das entrevistadas, a primeira coabitação conjugal é uma experiência recente.

Apesar das diferenças apontadas verifica-se, tal como nos casais de sexo diferente, a predominância de endogamia social no que diz respeito à escolaridade, ao grupo profissional e à idade. A amplitude de idades reflecte-se ainda na

Quadro 1 Caracterização dos entrevistados

Casal	Nome fictício	Idade	Profissão	Escolaridade	Relações amorosas anteriores	Coabitações conjugais anteriores
M1	Henrique	30	Rececionista	Licenciatura	1 relação	1 coabitação
	Patrício	30	Estudante e operador de <i>help desk</i>	12.º ano	4 relações	Nenhuma
M2	César	32	Engenheiro informático	Licenciatura	Várias	Nenhuma
	Mário	35	Enfermeiro e professor assistente	Licenciatura	3 relações	1 coabitação
M3	Vicente	28	Bolseiro de doutoramento	Mestrado	2 relações	1 coabitação
	Ricardo	28	Desempregado	Licenciatura	4/5 relações	Nenhuma
M4	Edgar	43	Delegado de informação médica	12.º ano	Várias	Nenhuma
	André	42	Bancário	Pós-graduação	1 relação	1 coabitação
M5	Leonardo	52	Administrativo	11.º ano	1 relação	Nenhuma
	Adriano	52	Perito forense	Licenciatura	Várias	1 coabitação
F1	Andreia	20	Estudante	12.º ano	3 relações	Nenhuma
	Matilde	20	Estudante e empregada de balcão	12.º ano	Nenhuma relevante	Nenhuma
F2	Cecília	23	Estudante e operadora de supermercado	12.º ano	1 relação	Nenhuma
	Margarida	26	Professora de 2.º ciclo	Licenciatura	4 relações	Nenhuma
F3	Carolina	26	Bailarina e professora	Licenciatura	Várias	Nenhuma
	Carla	38	Estudante, actriz profissional, formadora e professora de teatro	Licenciatura	3 relações	3 coabitações
F4	Vera	24	Estudante	12.º ano	2 relações	Nenhuma
	Rute	22	Estudante	Licenciatura	1 relação	Nenhuma
F5	Sofia	32	Professora	Licenciatura	2 relações	2 coabitações
	Sara	27	Estudante, operadora de <i>help desk</i> e professora de ginnodesportiva	12.º ano	2 relações	Nenhuma

diversidade da durabilidade das relações encontrada. Nos casais *gay* a duração das relações varia entre 3 a 21 anos, e nos casais lésbicos entre 1 e 5 anos. Na maior parte dos casos, o número de anos em coabitação é idêntico ao da relação amorosa. Pode adiantar-se, a partir da informação recolhida acerca das expectativas face à relação, que a maior parte dos entrevistados antevê e deseja a sua durabilidade, referindo muitas vezes vontade de ter/adoptar crianças.

Apropriações, divisões e partilhas do trabalho doméstico

Como já foi referido, as informações sobre as práticas de trabalho doméstico foram obtidas pela identificação, pelos próprios, do número de vezes que realizavam as seguintes tarefas: preparar refeições, lavar louça, lavar roupa, passar roupa, aspirar a casa, lavar o chão, lavar a casa de banho, fazer as compras do dia-a-dia, fazer ou delegar as reparações e manutenções, e gerir os pagamentos. Esta informação permite identificar: a) as (in)coerências das versões no seio de cada casal; b) os níveis de (des)equilíbrio entre as participações; e c) as lógicas de especialização e polivalências adoptadas.

a) (In)coerências das versões no casal

Alguns autores têm constatado a descoincidência entre as versões dos homens e das mulheres acerca do trabalho doméstico realizado, avançando com a explicação de que os homens não têm uma noção rigorosa da quantidade e variedade de tarefas que as mulheres fazem, que é “realmente” mais do que o que os homens indicam (Bittman e Lovejoy, 1993). Outros indicam que as mulheres geralmente apontam uma participação dos homens maior do que a que realmente ocorre (devido a mecanismos de vergonha ou de minimização de conflito) (Roux e outros, 1999). Nesta análise, pelo contrário, fez-se questão de tratar as duas versões (dos dois membros do casal) como igualmente válidas. A diferença que afasta as versões é analisada enquanto discrepância de percepções sobre uma mesma realidade e nunca analisada por referência a uma suposta versão verdadeira.

A figura seguinte ilustra a discrepância das percepções sobre a participação de cada um dos membros do casal. Esta diferença é calculada pela diferença das proporções de trabalho doméstico realizado identificadas por cada um dos cônjuges. Assim, se por exemplo o cônjuge x considerar que o seu grau de participação na realização de uma determinada tarefa corresponde a 65% e o cônjuge y perceber a participação do cônjuge x em apenas 50%, a discrepância entre as percepções de ambos será de 15%.

O valor médio das discrepâncias registadas no total das tarefas é muito idêntico nos casais de homens e nos casais de mulheres (10% e 10,4%, respectivamente). No entanto, a média da discrepância nos homens está deflacionada pela delegação de tarefas domésticas em serviços externos, o que representa uma tendência entre os entrevistados homens.

Em oito dos dez casais, o reconhecimento de quem faz mais e quem faz menos é consensual, (ainda que em proporções diferentes), sendo possível diferenciar os cônjuges pelo “que mais participa” e pelo “que menos participa”. Verifica-se, porém, uma tendência distinta entre homens e mulheres que mais participam nas tarefas quanto à percepção da participação do outro elemento do casal. Os homens (em três dos cinco casais) que “mais participam” inflacionam a participação do cônjuge, atenuando a imagem da desigualdade conjugal na repartição das tarefas domésticas. Pelo contrário, entre as mulheres “que mais participam” a tendência é para

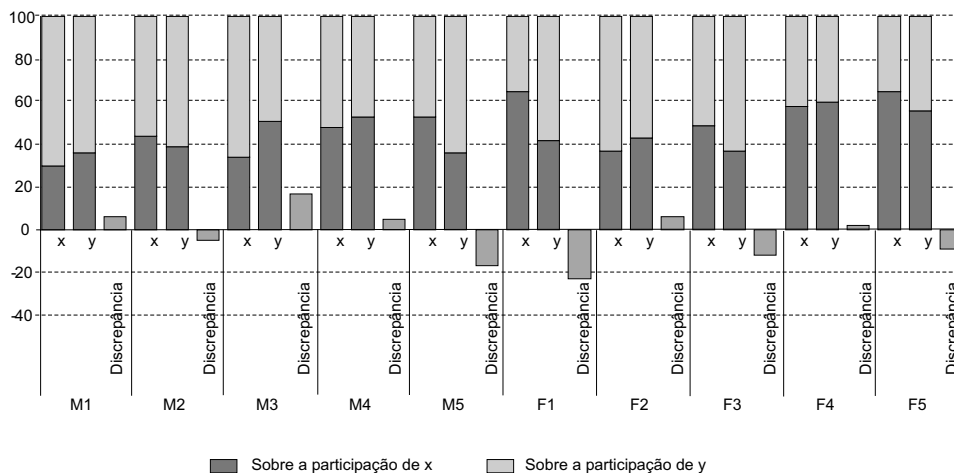


Figura 1 Versões dos cônjuges sobre a proporção da autoparticipação nas 10 tarefas (somatório de todas as tarefas)

deflacionarem a participação da cónjuge, exacerbando assim o desequilíbrio na realização do trabalho doméstico.

b) (Des)equilíbrios nas participações

O reconhecimento de “quem faz mais” e de “quem faz menos” tarefas é, na generalidade dos casos, consensual. Apesar das assimetrias nestes casais apresentarem contornos mais flexíveis do que as que caracterizam, de uma forma geral, as relações entre pessoas de sexo diferente, verifica-se a existência de desigualdades na participação dos elementos destes casais no quotidiano doméstico:

Quando vivemos com outra pessoa, seja homem ou mulher, não interessa... se tem quem faça, o outro acomoda-se. E eu acho que foi o caso dele. Eu fui o culpado se calhar, e ele acomoda-se e aproveita-se. [...] Ele faz, mas é preciso eu dizer, se eu não disser ele fica lá, faz-se de esquecido para ver se eu faço. Exactamente como nos casais hetero em que acabam de jantar e ele vai directo para o sofá. [Edgar, 43 anos, delegado de informação médica, dez anos de relação conjugal com André]

Se a média da incoerência registada nas declarações dos casais de mulheres e dos casais de homens é muito idêntica para o total das tarefas analisadas, o mesmo não sucede com a média da desigualdade identificada nas declarações de auto-participação em cada tarefa. A desigualdade na participação é calculada da seguinte forma: se o cónjuge *x* afirmar que executa uma tarefa em 80% das vezes que esta é realizada em sua casa, e o cónjuge *y* declarar que executa essa mesma tarefa em

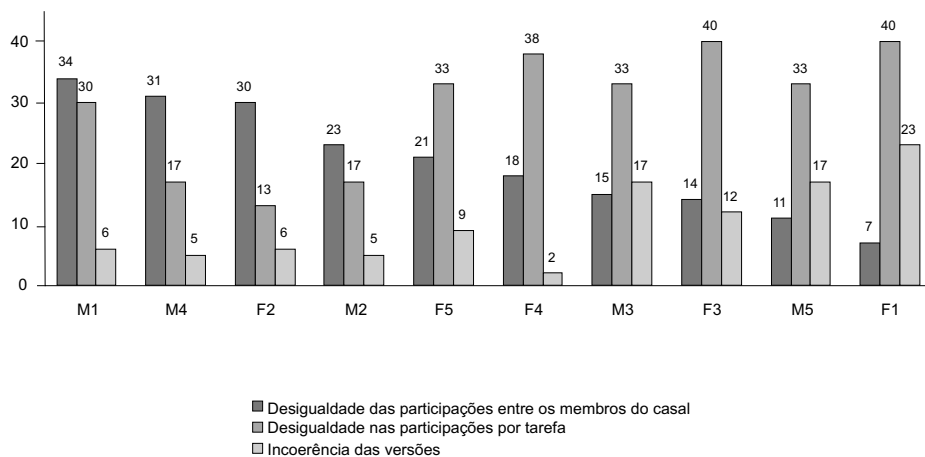


Figura 2 Desigualdade total de participação, desigualdade por tarefa e diferença entre versões sobre participação

25% dessas ocasiões, a desigualdade na auto-percepção das respectivas participações no desempenho dessa tarefa é de 55% (figura 2).

Mesmo tendo em conta a delegação de algumas tarefas em empregadas domésticas, realizada pelos casais de homens, o nível da desigualdade é maior entre os casais *gay* do que entre os lésbicos. Os resultados dos casais *gay* permitem ilustrar com clareza que quanto menor a incoerência nas versões, maior a desigualdade a que essa percepção da realidade se refere. Isto é, quando a desigualdade é mais visível, ambos os cônjuges tomam mais facilmente disso consciência. Pode avançar-se, então, com a ideia de que a construção desta desigualdade é interna ao casal, é de nível mais individual, ao contrário do que parece ocorrer com os casais de sexo diferente, cuja desigualdade é de nível estrutural. A desigualdade interna e individual proporcionará ainda uma maior flexibilidade e negociação no interior da relação.

Na figura 2 verifica-se que, independentemente do sexo dos cônjuges, quanto maior a especialização de cada um dos cônjuges em determinadas tarefas,⁵ isto é, quanto mais complementares os seus papéis, mais equilibrada tende a ser a distribuição das tarefas.

c) Especializações e polivalências

Para além da quantidade da participação, há que considerar a qualidade das tarefas: dureza, frequência e duração. Por vezes, o tipo de tarefas efectuadas por cada

5 Medida pelo indicador da “desigualdade por tarefa”.

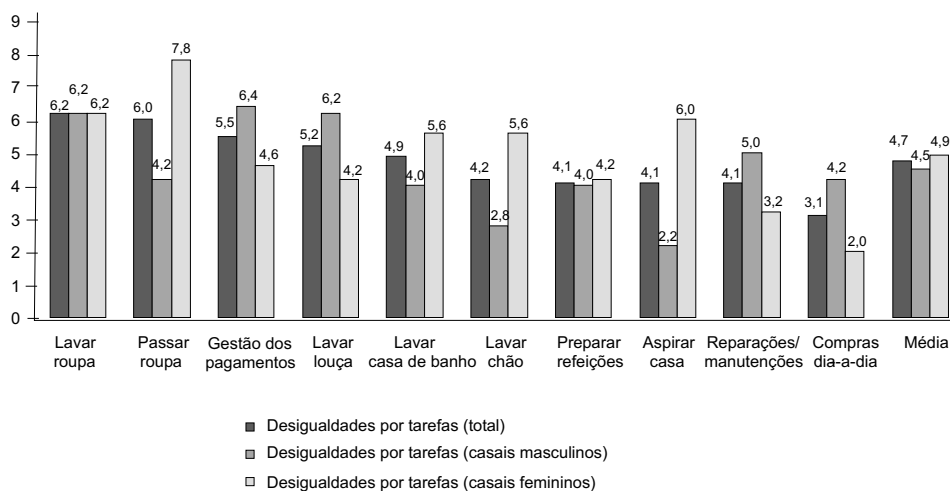


Figura 3 Desigualdade na execução das tarefas domésticas, por tarefa e tipo de casal

um dos cônjuges pode reflectir o desequilíbrio ou injustiça na sua distribuição pelos membros do casal. É sobejamente conhecido que as mulheres efectuam mais as tarefas de cozinhar, limpar, lavar, cuidar da roupa e fazer compras (Baxter, 2000; Bianchi e outros, 2000, Guerreiro e Perista, 2001; Torres e outros, 2005; entre outros), e os homens as actividades mais esporádicas e limpas, relacionadas com a manutenção e a gestão de pagamentos e outras burocracias, ou com o exterior da casa. Sendo assim, as mulheres tendem a fazer, muito mais do que os homens, actividades de que (tal como os homens) não gostam particularmente como, por exemplo, as limpezas (Berkel e De Graff, 1999; Milkie e Peltola, 1999; Crompton e Lyonnette, 2007). Em contrapartida, os homens não participam muito mais do que as mulheres (partilhando quando muito de forma igualitária) nas tarefas potencialmente mais prazerosas, como cozinhar e fazer as compras (Baxter, 2000; Bianchi e outros, 2000, Guerreiro e Perista, 2001; Torres e outros, 2005).

A diferença na média da desigualdade, por tarefa doméstica, entre os casais lésbicos e os casais *gay* é significativa (figura 3). O nível de desigualdade mais elevado refere-se a lavar e passar a roupa e os níveis de desigualdade mais baixos referem-se às compras do dia-a-dia, reparações/manutenções, a aspirar a casa e a preparar refeições. De uma maneira geral, a média da desigualdade de participação das mulheres nas várias tarefas é ligeiramente mais elevada do que a dos homens, o que denuncia uma mais elevada especialização por parte destas em determinadas tarefas.

Em nenhum dos casais do mesmo sexo se detectou a tendência para uma equivalência de papéis na esfera doméstica, com a excepção das compras do dia-a-dia, muitas vezes feitas em conjunto. Nos casais de mulheres há, então, a tendência para uma especialização em tarefas que são externalizadas por alguns dos casais de homens: passar a roupa e limpezas. Tratando-se das tarefas consideradas pelos entrevistados como menos prazerosas, estas constituem instrumentos de

negociação na organização do quotidiano doméstico, sendo muitas vezes alvo de conflito quando ambos os cônjuges rejeitam fazê-las. Por outro lado, tal como nos casais de sexo diferente, verifica-se que quem no total faz menos tarefas participa mais em tarefas mais prazerosas, como preparar as refeições e fazer as compras do dia-a-dia. O desequilíbrio em quantidade é, portanto, acompanhado pelo desequilíbrio na qualidade das tarefas.

Negociação, satisfação e justiça da organização do trabalho doméstico

Neste ponto analisam-se: a) as estratégias e critérios usados na distribuição do trabalho doméstico pelos membros do casal, e b) os níveis de justiça e de satisfação atribuídos à divisão das tarefas domésticas implementada.

a) Negociação do trabalho doméstico

Os entrevistados deste estudo foram capazes de justificar, com base em aspectos não relacionados com o sexo biológico (Major, 1993), o porquê da distribuição das tarefas. Alguns destes aspectos são os usados para justificar a menor participação dos homens em conjugalidade heterossexual, como: os padrões menos elevados de limpeza e de arrumação (Baxter, 2000; Bittman e Lovejoy, 1993), a incompetência dos próprios e os elogios à competência do outro cônjuge (Baxter, 2000), maiores rendimentos e contribuição para o agregado (Baxter, 2000), maiores investimentos de tempo na actividade profissional (Baxter, 2000) e a selecção das tarefas de que gostam mais (Berkel e De Graff, 1999). O quadro 2 reúne, então, os vários contributos anteriormente mencionados numa tipologia das justificações usadas para a organização do trabalho doméstico em casais do mesmo sexo.

O quadro 2 organiza os casais por quatro tipos de estratégias de distribuição e pelos critérios utilizados para a sua adopção. Adaptaram-se conceitos trabalhados por Aboim (2005: 256), o da equivalência de papéis e o da complementaridade de papéis, aqui circunscritos à esfera privada e doméstica, ao invés de dizerem respeito à dinâmica entre a esfera privada (doméstica e conjugal) e a esfera pública (profissional). Assim, a equivalência de papéis refere-se a tarefas em que os dois elementos do casal participam em igual medida e/ou simultaneamente e/ou despendem nelas o mesmo tempo; e a complementaridade de papéis refere-se a situações em que cada cônjuge se especializa em determinadas tarefas e raramente desempenha funções fora delas. A delegação refere-se a situações em que determinadas tarefas são atribuídas a pessoas ou empresas de serviços domésticos pagos. Por fim, a apropriação refere-se a situações em que um dos membros do casal se responsabiliza por uma determinada tarefa, acabando por expulsar o parceiro dessa esfera ou ilibando-o dessa responsabilidade. Esta estratégia é utilizada pelos indivíduos com um elevado grau de perfeccionismo relativamente à arrumação e limpeza da casa, que aliás tendem a fazer sempre mais tarefas. Estas estratégias são como ideais-tipo, a realidade é obviamente mais fluida. As estratégias conjugam-se e não são, portanto, mutuamente exclusivas.

Quadro 2 Tipologia das estratégias e critérios usados na organização do trabalho doméstico

Estratégias	Critérios			
	Gosto pela tarefa	Desprazer na tarefa	Competência ou afinidade na tarefa	Propriedade da casa
Apropriação por um dos membros			M4, M5, F1	M4
Equivalência de papéis	M2	M1, M3, M5, F2		
Complementaridade de papéis	M1, M3, F1, F2, F3, F5	M5, M3, F1, F2, F3, F4, F5	M2, M3, F3, F4	
Delegação		M2, M4		

A estratégia mais comum é a da complementaridade de papéis, seguida da estratégia da equivalência de papéis (identificada em metade dos casais aqui considerados e na quase totalidade dos casais de homens). As estratégias de delegação e de apropriação são pouco comuns mas quase sempre mobilizadas pelos casais *gay*. Por outro lado, se tivermos em conta os critérios utilizados para justificar a estratégia seleccionada, detectamos quatro. Um deles é o gosto por determinada tarefa. Nestes casos, se apenas um dos membros do casal tem gosto por uma determinada tarefa, então apenas ele a desempenha (dando origem a uma complementaridade de papéis). E se, por outro lado, o gosto por determinada tarefa é partilhado por ambos os membros do casal, ambos se encarregam dela separada ou simultaneamente (dando origem a uma equivalência de papéis), como ilustra a seguinte citação:

Acabamos por partilhar e temos o hábito de, quando temos tempo ou estamos de férias, cozinhamos em conjunto. Muitas vezes preparamos jantares para nós os dois. É uma coisa um bocado esquisita [risos]. Com dois pratos inclusive. Tipo: “tu tratas do prato do peixe e eu vou tratar o prato de carne. Eu faço a sobremesa e tu a entrada.” [...] Isso acontece e são horas muito agradáveis. Acabamos por estar ali a dar palpites no prato do outro. É engraçado. Se calhar é nas tarefas que rondam a cozinha que nós temos mais afinidade e estamos mais a fazê-las em conjunto. [Mário, 35 anos, enfermeiro e professor, cinco anos de relação conjugal com César]

Um outro critério frequentemente apontado pelos entrevistados é o desprazer por determinada tarefa. Nestes casos, quando ambos os cônjuges não gostam de uma tarefa, ambos se encarregam dela, geralmente ao mesmo tempo (equivalência de papéis) ou, em alternativa, delegam-na (mais frequente nos casais de homens). Quando apenas um dos cônjuges não gosta dessa tarefa, fica decidido tácita ou explicitamente que o outro se encarregará dela (mais frequente nos casais de mulheres).

Não gosto de estender a roupa mas gosto de apanhar, então ela estende e eu apanho. Ela não gosta de limpar a areia dos gatos e de limpar a porcaria que eles fazem e eu até nem me importo. E ela às vezes oferece-se e diz: “eu lavo a loiça e eu estendo a roupa se tu tratares da areia dos gatos!” E eu começo a pensar: “isto demora menos tempo...”, e então digo: “está bem!”. Então eu acabo por ficar com os gatos e ela fica com a cozinha. Que fixe! Às tantas já eu me despachei dos gatos e ainda está lá ela, mas olha, ela é que quis... [Cecília, 23 anos, estudante e empregada de charcutaria, três anos de relação conjugal com Margarida]

A especial competência ou afinidade por determinada tarefa (argumento geralmente utilizado na negativa, isto é, quando um membro do casal alega não ter especial competência para uma tarefa, o outro encarrega-se dela) é um critério raro mas ainda assim presente (ver testemunho seguinte). Associado à incompetência nas tarefas domésticas está o outro critério apontado por Baxter (2000), o elogio à competência ou naturalidade com que o cônjuge executa essa mesma tarefa.

O incenso caiu para fora e sujou lá uma cadeira e eu passei lá três dias e olhava para aquilo e... Eu reservo na cabeça: “depois tenho que ir limpar aquilo”. Mas não vou. E a Carla fica parva: “Carolina, já passaste aqui não sei quantas vezes!! Como é possível? É tão fácil, é só chegar aqui!” E ela vai naturalmente, nem sequer pensa, ela nem está a pensar, ela está a pensar noutra coisa qualquer e as mãos dela vão lá arrumar e as minhas não vão... [Carolina, 26 anos, bailarina e professora, cinco anos de relação conjugal com Carla]

E, por fim, um último critério, o da propriedade, em que quem for o “dono” da casa é quem assume mais responsabilidades domésticas.

Sou eu que faço quase tudo: primeiro porque eu estou na minha casa, logo aí... Mas mesmo quando eu estou na casa dele... sou um bocado eu mas aí eu já desligo um bocado que é para obrigá-lo a fazer porque acho que ele também deve fazer. [Edgar, 43 anos, delegado de informação médica, dez anos de relação conjugal com André]

b) Justiça e satisfação

São várias as estratégias e os critérios envolvidos na negociação da organização do trabalho doméstico. Mas como se repercutem estas na percepção de justiça e no nível de satisfação face à actual organização? Embora existam situações de desequilíbrios e injustiças apontadas pelos entrevistados, a tendência é para afirmar a satisfação com a situação actual. Identificam-se dois tipos mais comuns de combinações entre percepções de justiça e de satisfação. Uma destas combinações, a que concentra mais casais, é a do nível de satisfação elevado e percepção de justiça na distribuição do trabalho doméstico. Este nível de satisfação e justiça é o predominante nas estratégias de complementaridade, sendo esse precisamente o argumento, juntamente com a flexibilidade, que é dado pelos entrevistados para justificar a percepção da distribuição como justa. Ou seja, segundo os entrevistados, a distribuição é

justa porque permite a cada elemento do casal fazer o que mais gosta entre as tarefas domésticas (e demitir-se de fazer as que não gosta) e porque reflecte a disponibilidade de cada um. O princípio subjacente à justiça desta distribuição é a adaptação aos gostos individuais e às rotinas e circunstâncias de cada um dos elementos do casal. A atribuição de papéis domésticos específicos é, então, uma manifestação de respeito pela individualidade de cada um dos cônjuges, baseando-se na interferência que os gostos, estilos de vida e horários profissionais exercem na organização da vida doméstica e não na interferência do regime de género e dos estereótipos de género nessa mesma organização. Confirma-se a conclusão de Patterson (2000) de que os cônjuges homossexuais se especializam em determinadas tarefas, não necessariamente associadas a tarefas “femininas” e “masculinas”. A distribuição das tarefas é a “natural” e a “possível”:

Agora temos conseguido equilibrar. Mas agora que eu vou passar mais tempo em casa, até Setembro, no meu ponto de vista, eu tenho que fazer mais. [Margarida, 26 anos, professora de Inglês, três anos de relação conjugal com Cecília]

Não é justa nem deixa de ser justa, é a forma que temos no pouco tempo que temos! [Sofia, 32 anos, professora de Educação Física, um ano de relação conjugal com Sara]

A segunda combinação é a de alguma insatisfação por parte de pelo menos um dos membros do casal, acompanhada pelo reconhecimento, por ambos, do desequilíbrio de investimento (no que se refere ao tempo, iniciativa e/ou ao tipo de tarefas). Este reconhecimento do desequilíbrio no investimento é gerido, na maior parte dos casos, com algum conformismo pelo elemento que mais investe, e, por aquele que menos investe, com algum desejo de mudança de comportamento associado à consciência do desequilíbrio (relembra pelo cônjuge).

Eu acho que devia arrumar mais a casa, acho que não é nada justo nesse aspecto. Acho que devia ser mais organizada, mais metódica. [Carolina, 26 anos, bailarina e professora, cinco anos de relação conjugal com Carla]

Orientações sexuais e socializações de género: efeitos na vida doméstica

Neste último ponto, analisam-se: a) os modelos de gestão do trabalho doméstico e de socialização de género das famílias de origem; e b) as representações acerca dos casais homo e heterossexuais, no que diz respeito à justeza da divisão do trabalho doméstico.

a) Modelos familiares

A família de origem sempre foi um recurso sociológico importante na busca de compreensão das práticas e valores dos indivíduos. Deste modo, esta pesquisa

recolheu informação acerca da divisão das tarefas domésticas no seio das famílias de origem, bem como das suas estratégias educativas neste domínio.

Ao ter em consideração a idade dos entrevistados, deve sublinhar-se o impacto da diferença geracional entre os casais lésbicos e os casais *gay*, que remete para contextos socioculturais díspares. Esse será o motivo pelo qual os entrevistados homens caracterizam com mais frequência (do que as entrevistadas) as suas famílias de origem como “tradicionais” ou “conservadoras”. Não obstante, estamos maioritariamente perante famílias em que a execução das tarefas está/estava exclusivamente a cargo das mulheres (13 em 19 famílias). Encontramos também, entre as famílias das entrevistadas, modelos familiares pautados já por alguma partilha, ainda que desequilibrada, dos afazeres domésticos entre pai e mãe, o que constitui um indicador de mudança, reflexo provável da progressiva entrada das mulheres no mercado de trabalho e consequente entrada dos homens no universo privado (Wall, 2006; Aboim, 2006; Mendes, 2007; Guerreiro e outros, 2008; Torres, 2004). Seguem-se exemplos de famílias com modelos de divisão das tarefas domésticas mais e menos alinhados com o *regime de género* tradicional, respectivamente:

Eu nasci no meio de uma família... tradicional. A minha mãe era professora e na altura em que se casou teve que deixar a actividade porque o meu pai achava que a mulher tem que estar em casa a cuidar do marido e a tratar dos filhos. A minha mãe assumiu isso como uma verdade incontestável e inquestionável e assim foi. Dedicou-se a cem por cento a trabalhar em casa, digamos assim. A trabalhar para o marido e para os filhos, digamos assim. [Mário, 35 anos, enfermeiro e professor, cinco anos de relação conjugal com César]

Por acaso os meus pais dividiam. [...] A minha mãe fazia mais porque ela às vezes queria. Há aquela questão do perfeccionismo. Também dependia de quem trabalhava mais [fora de casa]. Quando a minha mãe trabalhava mais, houve momentos em que isso aconteceu, o meu pai também trabalhava mais. Mas normalmente eles dividiam muito. [Margarida, 26 anos, professora, três anos de relação conjugal com Cecília]

Entre os pais dos entrevistados a divisão das tarefas domésticas era na maioria dos casos ausente, mas o mesmo não ocorre quando a unidade de observação são as fratrias. Foi referida com bastante frequência pelos entrevistados a pressão da matriarca, responsável pela gestão/organização do universo doméstico, para que a geração dos descendentes aprendesse e/ou colaborasse na “lida da casa”. Contudo, esta estratégia educativa variava em função do sexo dos descendentes. Isto é, entre as mulheres entrevistadas a aprendizagem e colaboração nas tarefas domésticas em casa dos pais era mais frequente do que no caso dos homens entrevistados, ainda que ligeiramente. Além disso, o tipo de tarefas domésticas atribuídas a uns e a outros não era equivalente. Se às filhas se exigia a participação em qualquer tipo de tarefa, inclusive as menos prazerosas, as exigências colocadas aos filhos eram menos elevadas e mais selectivas.

No meu caso, enquanto vivi com os meus pais fazia muito pouco em termos de tarefas domésticas. Eu ia buscar as compras. [...] Tinha as minhas duas irmãs e a minha mãe

Quadro 3 Caracterização dos entrevistados face à distribuição das tarefas domésticas entre os pais e à socialização para as tarefas domésticas

Casal	Nome fictício	Idade	Distribuição das tarefas domésticas entre os pais	Socialização para as tarefas domésticas	Cônjuge que mais participa
M1	Henrique	30	O	△△	Patrício
	Patrício	30	O	△	
M2	César	32	—	△	César
	Mário	35	O	△△△	
M3	Vicente	28	O	△△△	Ricardo
	Ricardo	28	O	△△△	
M4	Edgar	43	O	△△△	Edgar
	André	42	O	△△	
M5	Leonardo	52	OO	△△△	Adriano
	Adriano	52	O	△△	
F1	Andreia	20	O	△△△	Andreia
	Matilde	20	O	△△△	
F2	Cecília	23	OO	△△△	Margarida
	Margarida	26	OO	△△△	
F3	Carolina	26	OOO	△△△	Carla
	Carla	38	O	△△△	
F4	Vera	24	O	△	Vera
	Rute	22	OO	△△	
F5	Sofia	32	O	△△△	Sofia
	Sara	27	OO	△△△	

Distribuição das tarefas domésticas entre os pais:

O Pouca/nenhuma distribuição

OO Alguma distribuição

OOO Forte distribuição

Socialização para as tarefas domésticas:

△ Não aprendeu/não participava

△△ Aprendeu algumas/participava pouco

△△△ Aprendeu/participava bastante

que assumiam muito as tarefas domésticas. Eu lavava o quintal, que era só dar uma mangueirada e aspirava e ia buscar as compras. [Henrique, 30 anos, recepcionista, três anos de relação conjugal com Patrício]

Eu e o meu irmão somos gémeos... Tínhamos obrigações diferentes, acho que é o normal [...]. Eu sentia isso quando era adolescente e chateava-me com a minha mãe. Eu tinha que lavar a louça e o meu irmão não porque era rapaz. Ou não limpava porque era rapaz, não passava a ferro porque era rapaz. [Sofia, 32 anos, professora, um ano de relação conjugal com Sara]

Dado o nível de exigência que recaía sobre as filhas, foi frequente o desabafo acerca da “ditadura das tarefas domésticas” levada a cabo pelas respectivas mães. Consequentemente, quando tomam as rédeas da gestão da esfera doméstica nas suas próprias casas, são elas que mais rejeitam o recurso aos serviços externos, ou referem a “aversão” por este tipo de trabalho. Para além de condicionar a divisão das tarefas domésticas, a socialização familiar contribui também para uma maior reflexividade por parte das mulheres entrevistadas, visível através da maior

atenção dedicada à justiça da divisão das tarefas domésticas e dos discursos de inconformidade perante o desequilíbrio de investimentos entre as cônjuges.

Tendo em conta o quadro seguinte, percebe-se que a uma maior socialização para o desempenho das tarefas domésticas de ambos os membros do casal não corresponde necessariamente um modelo de divisão de tarefas com níveis de desigualdade mais baixos (M3, F2, F3). Ou seja, se nas relações heterossexuais geralmente as mulheres desempenham mais tarefas domésticas e para isso foram socializadas, nos casais entrevistados outras lógicas parecem sobrepor-se a esta tendência. Verifica-se aliás, muitas vezes, que o membro do casal que mais tarefas realiza é aquele que para isso foi menos socializado (por exemplo: Patrício, César, Adriano e Vera).

b) Representações sociais

Paralelamente, serão estes referenciais familiares e os discursos mais formais (instituições envolvidas na luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, comunidade científica e política, etc.) que determinam a representação das relações entre homossexuais como mais igualitárias. Metade dos entrevistados referiu que entre os casais heterossexuais são mais frequentes os modelos de organização e distribuição das tarefas domésticas em que um dos membros sai claramente mais penalizado, no caso, as mulheres.

Numa relação homossexual não há tanto aquela posição cultural ou social em que a mulher costuma fazer mais as coisas do que o homem, em casa. Visto que são iguais tendem a fazer as coisas da mesma forma ou usarem aquilo que aprenderam para conseguir fazer as coisas, portanto... Acho que é mais igualitário nos casais homossexuais. [Matilde, 20 anos, estudante e empregada de balcão, dois anos de relação conjugal com Andreia]

Quando se reconhece que as desigualdades na divisão das tarefas domésticas ocorrem independentemente da orientação sexual dos cônjuges (10 entrevistados), as fundamentações divergem, associando-se diferentes justificações para a distribuição das tarefas domésticas aos casais do mesmo sexo (características, gostos e aptidões individuais) e aos casais de sexo diferente (estruturas sociais).

Nos meus amigos heterossexuais ainda é uma questão cultural. A mulher trata de determinadas coisas apesar de ambos estarem no mercado de trabalho e ambos estarem empregados, etc. [...] Nos casais homossexuais eu acho que tem um bocadinho a ver com o tipo de personalidade das pessoas e com a afinidade para determinada tarefa. [Mário, 35 anos, enfermeiro e professor, cinco anos de relação conjugal com César]

Conclusões

A sociologia do género e da família muito tem dito acerca da forma como a divisão das tarefas domésticas entre os casais heterossexuais se tem mantido, de forma

persistente e transversal aos vários países europeus, desequilibrada. Tem-se, portanto, analisado a forma como os constrangimentos associados à “ordem de género” se materializam na esfera privada de forma continuada. Este trabalho vem explorar, mais do que a continuidade, formas analíticas de ruptura face à ordem “genderizada” instaurada nos casais de sexo diferente. Retirou-se, desta forma, da análise da divisão do trabalho doméstico a variável “diferença de sexo entre os membros do casal”, recorrentemente apontada pelas ciências sociais como estruturante do espaço privado (Wall e Amâncio, 2007; entre outros). Em Portugal, a “invisibilidade” destas famílias, quer no plano social, quer no plano político, tem encontrado eco no plano sociológico, tendência que se pretendeu contrariar com a presente pesquisa.

Podem enunciar-se dois pressupostos teóricos orientadores da pesquisa. *Household is a gender factory* (Berk, em Davis e outros, 2007: 1249) é a afirmação em que se baseia o primeiro. Entre os casais de sexo diferente, relativamente à proporção de tarefas realizadas por mulheres e homens, os estudos têm demonstrado que: as mulheres perdem mais tempo nas tarefas (Baxter, 2000; Berkel e De Graff, 1999; Bianchi e outros, 2000; Aboim, 2006; Torres, 2004; Torres e outros, 2005); tomam responsabilidade por um maior leque de tarefas (Baxter, 2000; Berkel e De Graff, 1999). Baxter (2000) num estudo revela que 70% da totalidade do trabalho doméstico é realizado pelas mulheres. Dados nacionais indicam que as mulheres gastam, em média, num dia de semana mais de dois terços do tempo gasto pelos homens (Guerreiro e Perista, 2001; Torres e outros, 2005). Conclui-se ainda que as mulheres, na maior parte das tarefas em análise, realizam mais de 60% do trabalho (Torres e outros, 2005). Para além da variável sexo, alguns estudos têm também apontado a escolaridade e ocupação profissional (Berkel e De Graff, 1999; Torres, 2004; Aboim, 2006; Gaspar e Klinke, 2009; Crompton e Lyonette, 2007) e a “informalidade” da união (união de facto *versus* casamento) enquanto factores que favorecem a igualdade de direitos e deveres no espaço doméstico (Davis e outros, 2007). A acompanhar este persistente desequilíbrio ao nível das práticas, tem-se verificado o crescimento e a transversalidade de valores igualitários entre homens e mulheres no espaço doméstico. Como está esta discrepância entre valores e práticas representada entre os casais do mesmo sexo? No que se refere aos valores de igualdade na participação nas tarefas domésticas, é de referir que os casais lésbicos e *gay* identificam os casais de sexo diferente como contextos mais favoráveis para a reprodução de desigualdades ao nível da divisão das tarefas domésticas. Estes defendem o equilíbrio de participação entre os dois membros do casal e tendem a crer que o atingem. Confirmam-se os resultados de Kurdek (2001: 748), nos quais se verifica que os casais do mesmo sexo estão mais motivados do que os casais de sexo diferente para construir representações positivas das suas relações nomeadamente sobrestimando a igualdade na divisão das tarefas domésticas.

No que se refere às práticas, isto é, à proporção de tarefas domésticas realizadas por cada um dos cônjuges, pode afirmar-se que, se o desequilíbrio persiste, alguns factores o atenuam. Nesta amostra, mais escolarizada do que a média nacional, a média da proporção das tarefas realizadas por quem mais as realiza (segundo os próprios, neste caso), não atinge os 60% (do total de vezes em que as dez

tarefas são realizadas), valor ligeiramente inferior aos 70% reportados por Baxter (2000) ou aos 60-65% encontrado por Gaspar e Klinke (2009), numa amostra também relativamente muito qualificada. Assim sendo, se a desigualdade também está representada em casais do mesmo sexo, embora as diferenças entre valores e práticas sejam menos evidentes e mais convergentes do que as encontradas em casais de sexo diferente, será caso para dizer então que *household is a inequality factory*.

O segundo pressuposto orientador da pesquisa remete para a ideia de que, nas relações entre casais do mesmo sexo, a divisão das tarefas domésticas faz-se independentemente do sexo biológico dos membros do casal. De acordo com a hipótese levantada por alguns autores (Moreira, 2004; Carrington, 1999; Patterson, 2000), esta divisão não segue uma lógica de especialização estereotipada, em que alguns membros assumem papéis “femininos” e outros “masculinos”. Os estudos que confirmam a existência de uma especialização referem que esta se baseia numa ideia de justiça aliada a pragmatismo e aos “interesses, competências e horários do parceiro” (Patterson, 2000). Esta hipótese é confirmada pela presente pesquisa. Assim, não emanando das estruturas sociais orientações tão claras como as que orientam a gestão e organização do espaço doméstico em casais heterossexuais, emergem entre os casais do mesmo sexo outros factores que não a “ordem de género” (Connell, 1994) para a compreensão das lógicas que orientam as suas relações domésticas. Neste caso, as desigualdades justificam-se através de diferenças ao nível das exigências com a limpeza e organização do espaço doméstico (muitas vezes, a mais perfeccionismo está associado um maior encargo), diferenças de disponibilidade de tempo, o gosto e o desprazer nas tarefas e ainda a propriedade do alojamento. Desta forma, exceptuando nos casais com uma maior duração, fica a ideia de que se captou um momento da relação em que “agora é assim”, mas em que a atribuição de papéis tem potencial rotativo, reversível e negociável (pelo menos por princípio). Fica, no entanto, por saber a medida da desigualdade se os casais entrevistados tivessem a seu cargo filhos, factor que parece incrementar decisivamente a diferença de tempo ocupado em tarefas domésticas realizadas.

Deve ainda referir-se que, se os cônjuges dos casais do mesmo sexo não desempenham papéis de género estereotipados no interior das suas relações, também é verdade que a “ordem de género” não está excluída da sua organização do trabalho doméstico, ou não teriam sido encontradas diferenças entre os casais de mulheres e os casais de homens. A herança “genderizada” relativamente ao espaço doméstico é transmitida directa ou indirectamente durante a coabitação parental, independentemente da orientação sexual, e tem consequências na vida futura a dois. Tal herança “genderizada” é visível na forma como as mulheres, mais do que os homens, tendem a inflacionar as diferenças de participação doméstica e, ainda, na tendência dos homens para a delegação das tarefas menos prazerosas, ao contrário da especialização em determinadas tarefas identificada entre as mulheres.

Referências bibliográficas

- Aboim, Sofia (2005), "Dinâmicas de interacção e tipos de conjugalidade", em Karin Wall (org.), *Famílias em Portugal. Percursos, Interações, Relações Sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 231-302.
- Aboim, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança. Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Almeida, Miguel Vale de (2009), *A Chave do Armário. Homossexualidade, Casamento e Família*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Amâncio, Lígia (2007), "Género e divisão do trabalho doméstico: o caso português em perspectiva", em Karin Wall e Lígia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, colecção Atitudes Sociais dos Portugueses, 7, pp. 181-209.
- Artis, J. E., e E. K. Pavalko (2003), "Explaining the decline in women's household labor: individual change and cohort differences", *Journal of Marriage and Family*, 65, pp. 746-761.
- Baxter, Janeen (2000), "The joys and justice of housework", *Sociology*, 34 (4), pp. 609-633.
- Berk, S. F. (1985), *The Gender Factory. The Apportionment of Work in American Households*, Nova Iorque, Plenum.
- Berkel, Michel Van, e Nan Dirk De Graff (1999), "By virtue of pleasantness: housework and the effects of education revisited", *Sociology*, 33 (4), pp. 785-808.
- Bianchi, S. M., M. A. Milkie, L. C. Sayer, e J. P. Robinson (2000), "Is anyone doing the housework? Trends in the gender division of household labor", *Social Forces*, 70 (1), pp. 191-228.
- Bittman, Michael, e Frances Lovejoy (1993), "Domestic power: negotiating an unequal division of labour within a framework of equality", *Journal of Sociology*, 29, pp. 302-321.
- Brandão, Ana Maria (2000), "Sexualidades e identidades: reflexões em torno de algumas questões de carácter epistemológico", *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Associação Portuguesa de Sociologia, disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e05b549406_1.PDF
- Brandão, Ana Maria (2008), "Dissidência sexual, género e identidade", *Actas do VI Congresso Português de Sociologia*, Associação Portuguesa de Sociologia, disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/548.pdf>
- Carrington, C. (1999), *No Place Like Home. Relationships and Family Life Among Lesbians and Gay Men*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Connell, R. W. (1994), "Gender regimes and the gender order", em Anthony Giddens (org.), *The Polity Reader in Gender Studies*, Cambridge, Polity Press, pp. 29-40.
- Crompton, Rosemary, e Clare Lyonette (2007), "Occupational class, country and the domestic division of labour", em Rosemary Crompton, Suzan Lewis e Clare Lyonette (orgs.), *Women, Men, Work and Family in Europe*, Hampshire, Palgrave Macmillan, pp. 116-132.
- Davis, Shannon N., Theodore N. Greenstein, e Jennifer P. Gerteisen Marks (2007), "Effects of union type on division of household labor: do cohabiting men really perform more housework?", *Journal of Family Issues*, 28 (9), pp. 1246-1272.

- Delphy, Christine (1991), "Penser le genre: quels problèmes?", em M. C. Hurting, M. Kail e H. Rouch (orgs.), *Sex et Genre. De la Hiérarchie entre les Sexes*, Paris, Éditions du CNRS.
- European Social Survey (2004), disponível em <http://www.europeansocialsurvey.org/> (consultado em 30 de Setembro de 2007).
- Gaspar, Sofia, e Marie Klinke (2009), "Household division of labour among european mixed partnerships", CIES-IUL e-Working Paper N.º 78/2009, Lisboa, CIES-IUL, disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP78GaspKlinke.pdf>
- Giddens, Anthony (2001 [1992]), *Transformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta Editora.
- Gomes, Natália (2001), *Associações Gays e Lésbicas. Uma Abordagem Sociológica da Produção do "Grupo" Homossexual*, dissertação de licenciatura, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Guerreiro, Maria das Dores, e Heloísa Perista (2001), "Família e trabalho" em *Inquérito à Ocupação do Tempo*, 1999, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, pp.77-107.
- Guerreiro, Maria das Dores, Ana Caetano, e Eduardo Rodrigues (2008), "A família (d)escrita pelos jovens: permanência e mudança de modelos de paternidade", *Actas do VI Congresso Português de Sociologia*, Associação Portuguesa de Sociologia, disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/222.pdf>
- Kurdek, Lawrence A. (2001), "Differences between heterosexual-nonparent couples and gay, lesbian, and heterosexual-parent couples", *Journal of Family Issues*, 22, pp. 727-754.
- Kurdek, Lawrence A. (2003), "Differences between gay and lesbian cohabiting couples", *Journal of Social and Personal Relationships*, 20 (4), pp. 411-436.
- Kurdek, Lawrence A. (2005), "What do we know about gay and lesbian couples?", *American Psychological Society*, 14 (5), pp. 251-253.
- Kurdek, Lawrence A. (2007), "The allocation of household labor by partners in gay and lesbian couples", *Journal of Family Issues*, 28 (1), pp. 132-148.
- Lalanda, Piedade (1998), "Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica", *Análise Social*, XXXIII (4), pp. 871-883.
- Major, B. (1993), "Gender, entitlement, and the distribution of family labor", *Journal of Social Issues*, 49, pp. 141-159.
- Mendes, Rita Veloso (2007), "A parentalidade experimentada no masculino: as vivências da paternidade", CIES-IUL e-Working Paper N.º 22/2007, Lisboa, CIES-IUL, disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/documents/CIES-WP22.pdf>
- Milkie, Melissa A., e Pia Peltola (1999), "Playing all the roles: gender and the work-family balancing act", *Journal of Marriage and the Family*, 61 (2) , pp. 476-490.
- Moreira, Nuno (2004), "Conjugalidade homossexual masculina: dinâmicas de relacionamento", *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Associação Portuguesa de Sociologia, disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e03459eb23_1.PDF
- Patterson, C. J. (2000), "Family relationships of lesbians and gay men", *Journal of Marriage and Family*, 62, pp. 1052-1069.
- Roseneil, Sasha (2005), "Living and loving beyond the boundaries of the heteronorm: a queer analysis of personal relationships in the 21st century", em Linda McKie,

- Sarah Cunningham-Burley e Jo Campling, *Families in Society. Boundaries and Relationship*, Edimburgo, University of Edinburgh, Centre for Research on Families and Relationships, Policy Press, disponível em:
<http://www.eurozine.com/articles/2007-05-29-roseneil-en.html>
- Roux, P., V. Perrin, M. Modak, e B. Voutat (1999), *Couple et Égalité. Un Ménage Impossible*, Lausana, Éditions Réalités Sociales.
- Santos, Ana Cristina (2000), "Descobrindo o arco-íris: identidades homossexuais em Portugal", IV Congresso Português de Sociologia, Associação Portuguesa de Sociologia, disponível em:
http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e057050922_1.PDF
- Santos, Ana Cristina (2004), "Dos direitos humanos aos direitos das minorias sexuais: regulação ou emancipação?", V Congresso Português de Sociologia, Associação Portuguesa de Sociologia, disponível em:
http://www.aps.pt/index.php?area=001&mareia=003&id_pub=PUB460d42061fd7a&id_tema=TEM43a0493f0b508
- Santos, Ana Cristina, e Fernando Fontes (1999), *Descobrindo o Arco-Íris. Uma Abordagem Sociológica às Identidades Homossexuais em Portugal*, dissertação de licenciatura, Lisboa, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Torres, Anália (2001), *Sociologia do Casamento. A Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta Editora.
- Torres, Anália (2004), *Vida Conjugal e Trabalho. Uma Perspectiva Sociológica*, Oeiras, Celta Editora.
- Torres, Anália, F.V. Silva, T.L. Monteiro, M. Cabrita (2005), *Homens e Mulheres Entre Família e Trabalho*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Wall, Karin (2005), *Famílias em Portugal. Percursos, Interacções, Relações Sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Wall, Karin (coord.) (2006), *A Vida Familiar no Masculino. Novos Papéis, Novas Identidades*, relatório final, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- Wall, Karin, e Lígia Amâncio (orgs.) (2007), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, colecção Atitudes Sociais dos Portugueses, 7.

Magda Nico. Investigadora do CIES-IUL, bolsreira de doutoramento pela FCT, mestre em Família e Sociedade pelo ISCTE-IUL.
E-mail: magdalalanda@gmail.com, magda.nico@iscte.pt

Elisabete Rodrigues. Investigadora do CIES-IUL, doutoranda no ISCTE-IUL e docente na ESTESL. *E-mail*: elisabete.rodrigues@iscte.pt

Resumo/ abstract/ résumé/ resumen*Organização do trabalho doméstico em casais do mesmo sexo*

Em resposta ao predomínio da heteronormatividade nos estudos sobre o trabalho doméstico, este artigo explora a forma como este é organizado e distribuído em casais do mesmo sexo. Para esse efeito, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa (20 entrevistas aos membros de casais homossexuais) em torno dos desequilíbrios, do processo de negociação, do nível de satisfação, e ainda da herança familiar *genderizada* na actual organização do trabalho doméstico. Concluiu-se que a ausência da diferença de sexo no casal contribui para uma mais flexível e paritária negociação da organização das tarefas. Reflexo da socialização de género, as mulheres tendem para uma maior especialização e os homens para uma maior delegação das tarefas.

Palavras-chave conjugalidade *gay* e lésbica, trabalho doméstico, regime de género.

The organisation of household labour in same-sex couples

In response to the predominance of heteronormativity in the studies on the household labour, this article explores the way it is organized and distributed in same-sex couples. Qualitative research was carried out on the basis of 20 interviews with members of homosexual couples, and information was collected on the imbalances, negotiation, satisfaction and gendered family legacy in the current organization of household labour. Results show that the absence of the sex difference between the members of the couple contributes to more flexible and egalitarian negotiation in the organization of chores. As a consequence of gender socialization, women tend to specialize and men to delegate.

Key-words gay and lesbian conjugality, household labour, gender regime.

L'organisation des tâches domestiques chez les couples du même sexe

En réponse à la prédominance de l'hétéronormativité dans les études sur les tâches domestiques, cet article analyse la manière dont elles sont organisées et partagées au sein des couples du même sexe. Une recherche qualitative a été menée (20 entretiens avec des membres de couples homosexuels) autour des déséquilibres, du processus de négociation, du niveau de satisfaction, ainsi que de l'héritage familial sexué dans la répartition actuelle des tâches ménagères. On en conclut que l'absence de différence de sexe au sein du couple contribue à une négociation plus souple et paritaire de cette répartition. Fruit de la socialisation de genre, les femmes tendent à une plus grande spécialisation et les hommes à une plus grande délégation des tâches.

Mots-clés conjugalité *gay* et lesbienne, tâches domestiques, régime de genre.

Organización del trabajo doméstico en matrimonios del mismo sexo

En respuesta al predominio de la heteronormatividad en los estudios sobre el trabajo doméstico, este artículo revisa la forma como este se organiza y se distribuye en matrimonios del mismo sexo. Por tal motivo, se llevó a cabo una investigación cualitativa (20 entrevistas a los miembros de matrimonios homosexuales) en torno a los desequilibrios, del proceso de negociación, del nivel de satisfacción, e inclusive de la herencia familiar influenciada en la actual organización del trabajo doméstico. Se concluye que la ausencia de la diferencia de sexo en el matrimonio contribuye para una negociación más flexible y justa de la organización de las tareas. Reflejo de la socialización de género, las mujeres tienden a conseguir una mayor especialización y los hombres para una mayor delegación de las tareas.

Palabras-clave forma de pareja gay y lésbica, trabajo doméstico, régimen de género.